

iv enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

A TRAJETÓRIA DE GERMANO GULTZGOFF EM UBERABA **IDÉIAS VIAJANTES: ARQUITETURA E URBANISMO NO INTERIOR DO PAÍS**

MARDEGAN, Ana Lúcia Bertini
Universidade de Uberaba
Imardegan@hotmail.com

A TRAJETÓRIA DE GERMANO GULTZGOFF EM UBERABA

RESUMO

Este artigo apresenta e discute a trajetória do arquiteto Germano Gultzgoff, em Uberaba, Triângulo Mineiro. Gultzgoff (1922-2007) era de origem russa e se formou arquiteto em 1950 pela Escola de Engenharia do Mackenzie, tendo estagiado com o arquiteto Oswaldo Bratke. Migrou para Uberaba em 1951, localidade onde pode ser encontrada a maior parte de sua produção arquitetônica.

Com inúmeras obras importantes para o cenário uberabense e com importante papel para a modernização da cidade e da região, buscamos, minimamente, incluir o arquiteto na história da arquitetura, ampliando nosso olhar para realidades locais e sobre uma história da arquitetura que não se baseia apenas em grandes nomes e grandes obras.

Durante o período de produção do arquiteto, na cidade, notamos um abandono paulatino de possíveis influências de sua formação passando a produzir uma arquitetura carregada de estilismos que traziam consigo o uso de materiais locais, assim como certa simplicidade possivelmente absorvida pela vida no interior.

Na década de 1950, o arquiteto abre, em Uberaba, o primeiro escritório de arquitetura da cidade e se depara com um mercado carregado de estilos, situação que possivelmente se assemelhava a de outros profissionais, daquele momento, que migravam para o interior do país em busca de trabalho e novos campos de atuação. O arquiteto inicia suas atividades profissionais buscando resolver a dualidade de propor uma arquitetura guiada pela recém-abandonada modernidade paulistana a favor de uma clientela interiorana, de base ruralista, elitizada e desconectada das vocações sociais pregadas pelo Movimento Moderno.

Assim creditamos à Gultzgoff certo pioneirismo ao reelaborar a arquitetura local, vigente. Para além da compreensão da difusão do modernismo, a atuação de Gultzgoff extrapolou os limites profissionais. Para tal discussão nos utilizaremos dos projetos arquitetônicos, entrevistas, reportagens entre outros recursos, que juntos apresentarão a abrangência do arquiteto em questão.

Palavras-chave: difusão 1. Modernismo 2. Gultzgoff 3.

THE JOURNEY OF GERMANO GULTZGOFF IN UBERABA

ABSTRACT

This article presents and discuss the trajectory of the architect Germano Gultzgoff in Uberaba, Minas Gerais Triangle. Gultzgoff (1922-2007) was of Russian origin and qualified as an architect in 1950 from Mackenzie Engineering School, having interned with the architect Oswaldo Bratke. Migrated to Uberaba in 1951, city where it can be found most of his architectural production.

With numerous important works to Uberaba scenery and important role in the modernization of the city and the region, we seek minimally include the architect in the history of architecture, expanding our look at local realities and on the history of architecture that is based not only in big names and great works.

During the production period of the architect in the city, we noticed a gradual abandonment of possible influences of its formation and to produce a charged of estilismos architecture that brought with them the use of local materials, as well as certain simplicity possibly absorbed by the life inside.

In the 1950s, the architect opens in Uberaba, the city's first architectural firm and is faced with a market full of styles, a situation that possibly resembled other professionals, from that time, which migrated into the country job search and new fields. The architect starts his professional

activities seeking to resolve the duality of proposing an architecture guided by the newly abandoned paulistana modernity in favor of a provincial clientele of ruralista base, elitist and disconnected from social vocations preached by the Modern Movement.

So credited to Gultzgoff certain pioneering to redraft the local, current architecture. In addition to understanding the spread of modernism, the Gultzgoff of action went beyond professional boundaries. For this discussion we will use the architectural projects, interviews, reports and other resources, which together present the scope of the architect in question.

Keywords: difusion 1. Modernism 2. Gultzgoff 3.

Este artigo, fruto de trabalho de mestrado desenvolvido por esta pesquisadora, apresenta e discute a trajetória do arquiteto Germano Gultzgoff, na cidade de Uberaba, localizada no Triângulo Mineiro. Dada a importância de sua obra para o cenário uberabense, pretende-se ampliar o olhar sobre a história e a crítica da arquitetura brasileira, moderna e contemporânea, para além de grandes obras e grandes nomes, possibilitando assim nos aproximarmos de realidades locais.

Podemos ainda acrescentar a importância do estudo de tal produção a fim de se colaborar com a preservação e documentação da Arquitetura Moderna Brasileira e Mineira, reforçando o valor da preservação e da leitura crítica de obras locais que contribuem para a construção de um “fazer moderno” que se distribuía pelo interior do país. É comum que essa arquitetura passe despercebida não por leigos, mas também por arquitetos e estudantes de arquitetura, que pouco observam a realidade local – fixando sua atenção, muitas vezes, apenas em grandes centros urbanos. Como docente em um curso de Arquitetura e Urbanismo, vemos que despertar o interesse do futuro arquiteto para a leitura de sua realidade é atividade fundamental para a formação de seu repertório, atentando para uma maior clareza de sua atividade profissional, como construtor não apenas de obras, mas da cidade e de sua história. Além das questões colocadas, acredita-se que a identificação e a catalogação desses e de outros edifícios é o primeiro passo rumo à defesa e à preservação de importantes obras arquitetônicas e que tal documentação servirá de base para diversos novos estudos sobre temas correlatos.

Além disso, o trabalho segue na esteira de trabalhos semelhantes – desenvolvidos em diversos centros de pesquisa pelo Brasil – que trazem à tona uma produção desconhecida de profissionais com importante atuação fora dos grandes centros urbanos e que facilmente encontramos nas listas de dissertações, apresentadas e em desenvolvimento, das Faculdades de Arquitetura pelo país afora.

Sem aqui, querermos criar juízo de valores sobre a produção do arquiteto em questão, percebemos que Germano Gultzgoff contribuiu fortemente para a construção do cenário arquitetônico da cidade de Uberaba, no Triângulo Mineiro, em determinado período de atuação profissional, onde se percebe, nas principais avenidas, uma grande porcentagem de edifícios de sua autoria a ponto de o jornal local Cidade Livre afirmar, em reportagem¹, que o arquiteto “ajudou a modificar uma cidade” (SILVEIRA, 2004, p. A5).

¹Antigo jornal da cidade de Uberaba, o qual realizou em 28 de janeiro de 2004, curta, porém elucidativa, entrevista com Germano Gultzgoff, realizada pelo colunista Cacá Silveira.

Filho de pais russos, fugitivos da revolução russa, Germano Gultzgoﬀ nasce em 11 de agosto de 1922, na ilha de Córsega, de então domínio francês, localizada no Mar Mediterrâneo. O pai, Victor Gultzgoﬀ (1896 – 1973), ainda jovem, teve que servir como oficial do então Exército Imperial Russo, que acaba por ser derrotado. Em 1920, Victor Gultzgoﬀ resolve então deixar a Rússia e se refugiar, com seus irmãos, em outra pátria. Durante a viagem, conhece, na Grécia, a então estudante de balé, Vera Thime² e se casam. Após uma longa e difícil viagem de navio, e com Vera já grávida de seu primeiro filho, Germano, chegam à Córsega e ali se fixam até por volta de 1923, quando se mudam para Lyon, na França³, onde Germano vive e estuda até seus 8 anos. Naquele período o patriarca cursa, no período noturno, a faculdade de Matemática e especializa-se em Cálculo Atuarial.

Tendo alguns familiares se mudado para os Estados Unidos, Victor Gultzgoﬀ resolve seguir o mesmo caminho, porém, por descuido, pega o navio errado e em 1934, desce no porto de Santos e de lá se desloca para São Paulo.

Assim que chega ao Brasil, Victor Gultzgoﬀ consegue trabalho em diversas seguradoras, como atuário, e resolve permanecer no país. Nesse período, inicialmente, Germano estuda no Colégio São Bento, onde além da língua francesa (aprendida na França) e a língua russa, aprendida no convívio doméstico com os pais, conhece a língua portuguesa. No Colégio São Bento (denominado, na época, de Ginásio São Bento) estuda até 1939 quando conclui o “1º ciclo do curso secundário”. A conclusão do “2º ciclo do curso secundário” se dá no Colégio Mackenzie em 20 de dezembro de 1944, segundo consta do histórico escolar de Gultzgoﬀ, adquirido junto ao Departamento de Registros Acadêmicos da Universidade Presbiteriana Mackenzie⁴.

Em entrevista, Germano Gultzgoﬀ afirma que parte de sua formação (o curso científico), no que hoje chamamos de ensino médio, se deu em Ouro Preto, em “um curso anexo à Escola de Minas” (BRAGANÇA, 1994, p.05). Afirma ainda, que esse período, para ele, havia sido o melhor momento de sua vida, “[...] um tempo de muita farra, muita serenata, muito roubo de galinha [...]” (BRAGANÇA, 1994, p.05).

² Vera Thime era seu nome de solteira, 1903 – 1968.

³ Entrevista realizada no dia 19 de agosto de 2012 junto ao filho do arquiteto, Germano Victor da Costa Gultzgoﬀ.

⁴ Universidade Presbiteriana Mackenzie. Secretaria Geral. Publicação eletrônica. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida de <dra.atestado@mackenzie.com.br> por <Imardegan@hotmail.com> em 17 mai. 2013.

O filho de Germano Gultzgoff ainda afirma que o período em Ouro Preto se devia inicialmente a uma tentativa de ingresso na escola de Engenharia, no curso de Engenharia de Minas. Porém, após dois anos vivendo a tradicional boemia da cidade, não consegue a esperada aprovação e retorna a São Paulo. Ainda sobre o período em Ouro Preto, sabe-se que Gultzgoff conviveu, em sua república estudantil com o pintor Theodoro Meirelles Freire, com quem aprendeu algumas técnicas de pintura. A importância desse período, para Gultzgoff, pode ser verificada nas pinturas dos casarios de Ouro Preto, feitas a óleo, presentes até hoje na sala de seu apartamento, em Uberaba, dispersas, entre outras tantas, de autoria do arquiteto e de alguns amigos artistas, retratando principalmente o mar e pessoas de sua família. Além disso, observamos em alguns de seus edifícios características da arquitetura colonial brasileira que claramente denotam inspiração desse período.

Em seu retorno à capital paulista, Gultzgoff ingressa no curso de arquitetura da Escola de Engenharia do Mackenzie no ano de 1946 e conclui o mesmo curso em 1950, na turma de número XVIII.



Foto turma de formandos de 1950 da Faculdade de Arquitetura do Mackenzie⁵.

Fonte: (IRIGOYEN DE TOUCEDA, 2005, p.104)

⁵ "em pé, da esquerda para direita: Pedro Lambert, Erwin Roschel, Majer Botkowski, Ernani de Avelar Pires, Ghessane Klink e Milton Nogueira de Sá. Na segunda fila, Vicente Ignatti, Rodolpho Ortemblad Filho, Jorge Richter, Marino Barros, Roberto Aflalo e Carlos Lemos. Na 3ª, abaixados, Cássio Gonçalves, Diogo Faria Cardoso, José Carlos Maya, Arnaldo Farquim Paoliello e Germano Glustzgoff" (IRIGOYEN DE TOUCEDA, 2005, p. 104). Verificamos que o nome de Gultzgoff foi erroneamente escrito pela autora.

Sobre o período de faculdade, sabe-se que Gultzoff frequentou um curso de cinco anos de duração. Segundo Ficher (2005), de 1917 a 1946 a Mackenzie oferecia o curso de engenheiro-arquiteto e a formação em arquitetura que em muito se assemelhava ao estudo da *École Beaux-Arts* de Paris já que,

[...] a formação no Mackenzie, implantada por Christiano Stockler das Neves, balizava-se pelo curso freqüentado por seu idealizador nos EUA que, por sua vez, era fortemente influenciado pela *École Beaux-Arts* de Paris. Assim, o Mackenzie mantinha algumas semelhanças com o estudo de arquitetura no Rio de Janeiro, contrastando com o ensino da Politécnica, onde imperava a visão técnica. (GUERRA, 2002)

Christiano Stockler das Neves era brasileiro e, de acordo com texto escrito por sua filha, Stockler; Szolnoky (1997), faz seu primeiro ano do curso de arquitetura na Escola Politécnica de São Paulo. Durante esse período, estagia no escritório de projetos e construções de seu pai e nutria uma enorme vontade de estudar nos Estados Unidos, graças à leitura de revistas estrangeiras da época. Com a autorização de seu pai, transfere-se para a Escola de Arquitetura da Universidade da Pennsylvania, famosa por utilizar os mesmos métodos de ensino *Beaux Arts* e acreditar na Arquitetura como uma arte.

Ainda segundo as mesmas autoras, ao retornar ao Brasil, Christiano volta a trabalhar no escritório de seu pai, porém com uma constante indignação com relação à prática da profissão no Brasil, escrevendo diversos textos em jornais e revistas da época. Para ele “o arquiteto diplomado deveria projetar e o engenheiro diplomado construir; o construtor prático, por sua vez, deveria ser sumariamente banido do mercado de trabalho”. (FICHER, 2005, p.242)

Dadas suas constantes batalhas com diversos profissionais do meio, através de textos que retratavam seus pontos de vista e ainda seu constante interesse pelo ensino da arquitetura, em 1916, Christiano Stockler das Neves apresenta ao *Mackenzie College*,

[...] suas idéias para a criação de um curso de Arquitetura, calcado nos moldes do curso que havia frequentado na Universidade da Pennsylvania. Tendo boa receptividade, passou a organizar o referido curso, que foi oferecido aos alunos, pela primeira vez, em 1917, funcionando ligado à

Escola de Engenharia da Instituição. (STOCKLER; SZOLNOKY,1997, p.18)

Segundo informações coletadas no site da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie⁶, Stockler das Neves elaborou um "Plano de Estudos Mínimos do Architecto nas Universidades da América" para normatizar o ensino e a profissão do arquiteto em todos os países do continente. Este plano foi apresentado em 1927, no III Congresso Pan-Americano de Arquitetos, em Buenos Aires.

Em 1945, com a criação da Faculdade Nacional de Arquitetura, através do Decreto-Lei Nº 7.918 de 31 de agosto, as escolas de arquitetura veem a possibilidade de desvinculação de seus cursos de arquitetura das Faculdades de Engenharia e das Belas Artes.

Contudo, quem primeiro aproveitou a oportunidade [...] foi o Mackenzie. Assim como o curso de engenheiro arquiteto da politécnica, seu congênere da Escola de Engenharia do Mackenzie tampouco se destacara, ao longo de sua existência, pelo alto número de alunos e diplomados. Porém, graças à nova estrutura legal dadas aos cursos de arquitetura pela FNA – que, entre outras coisas, passaram de seis para cinco anos de duração – e que deveria ser obedecida pelo Mackenzie, lá houve um aumento expressivo da procura por essa especialização naquela escola [...].(FICHER, 2005, p.251-252).

Apesar da autora acima creditar a Mackenzie o título de primeira escola de arquitetura realmente desvinculada dos cursos de Engenharia, é importante lembrarmos que a escola pioneira nesta separação é a Escola de Arquitetura da UFMG e que segundo o site da Escola menciona o fato de que “fundada em 5 de agosto de 1930, foi a primeira escola da América do Sul a nascer desvinculada das Escolas Politécnicas de Belas Artes e Filosofia.”

Na Mackenzie, somente em 1947, “deu-se a separação, [...] instalando-se a Faculdade de Arquitetura do Instituto Mackenzie, em 12 de agosto daquele ano, em sessão

⁶ UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, 2014. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/PUBLIC/UP_MACKENZIE/servicos_educacionais/graduacao/Arquitetura_Urban_S_P/FAU_HISTORIA__2014.pdf>. Acessado em: 15 ago.2014.

solene, a primeira Faculdade de Arquitetura do Estado de São Paulo” (STOCKLER; SZOLNOKY, 1997, p.18)

Pelos dados cedidos pelo Departamento de Registros Acadêmicos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Gultzgoff faria parte da turma de formandos de número XVIII. Porém, em entrevista à revista Arcoweb, publicada em outubro de 2008, Rodolpho Ortemblad Filho, colega de turma de Gultzgoff, é apresentado como sendo integrante da primeira turma de Arquitetos do Mackenzie. Muito provavelmente, isso se deva ao fato de a turma em questão já fazer parte de um novo currículo do curso, baseado nas diretrizes do mencionado Decreto.

Sobre o período na Mackenzie, Gultzgoff⁷ relata:

Tive bons colegas e ótimos professores. Hoje, me dá tristeza lembrar-me deles porque eu sou o ‘último dos moicanos’. Nós éramos apenas oito⁸ colegas. Hoje, somos só dois vivos. O curso de Engenharia do Mackenzie era feito junto com o de Arquitetura. A diferença dos dois estava em apenas duas ou três disciplinas. (BRAGANÇA, 1994)

Em entrevista, o filho de Gultzgoff afirma que seu pai também tinha diversos amigos que cursavam engenharia, justamente porque poucas eram as disciplinas que diferenciavam os cursos de Arquitetura e Engenharia - além disso, muitas disciplinas eram cursadas pelos alunos de ambos os cursos. Sua turma de estudantes de arquitetura era composta apenas por 18 colegas, dos quais três, inclusive Germano, eram de outra nacionalidade. Eram eles: Majer Botkowski, de Varsóvia – Polônia e Shassane Klink, de Mohaidse - Líbano. Dos demais, sete eram de São Paulo, capital e o restante era do interior paulista, com exceção de Rodolpho Ortemblad Filho, do Distrito Federal.

Apesar de analisarmos o histórico escolar de Gultzgoff, ele não nos induz a informações conclusivas já que, em seus cinco anos de curso, suas melhores notas oscilam a cada semestre, mostrando ora preferência por disciplinas teóricas, ora pelas disciplinas de desenho e projeto.

Em entrevista, Rodolpho Ortemblad Filho, colega de turma de Gultzgoff, nos dá vários indícios das influências sofridas pelos alunos daquele curso e ainda de como

⁷ Em entrevista cedida, em 1994, para o Jornal da Manhã.

⁸ Acredita-se que o autor da reportagem tenha escrito errado. Já que na foto de formatura aparecem dezoito formandos, número confirmado pelo filho de Gultzgoff em entrevista.

Christiano Stocker das Neves entendia a arquitetura daquele momento histórico. Christiano, além de diretor da faculdade era também

[...] titular da cadeira de projeto, mas era de tal forma intransigente, que chegou ao ponto em que não conseguia mais dar aula. [...] eu colocava uma pilha de revistas em cima de minha mesa. [...] Christiano chegava na classe, vinha direto à minha mesa e me questionava: 'Ortemblad, o que é isso? Isso aqui é arquitetura nórdica, não é para nosso clima. Vocês estão errados, têm que fazer arquitetura clássica'. [...] Christiano tinha uma inclinação clássica até que nós sem fazer greve, exigimos mudanças no curso. Então dissemos: 'O senhor precisa nos dar a liberdade de escolher alguém que nos oriente'. Depois de muito tempo, Christiano contratou Fernando Martins Gomes [...]. Fernando dava os temas de forma mais livre. E também conseguimos que ele escolhesse propostas de caráter mais social – como pequenos hospitais e clínicas -, para não ficarmos só projetando palácios. Fizemos, por exemplo, um ginásio estudantil tomando como base Richard Neutra, com alas independentes e ventilação cruzada. (SERAPIÃO, 2008)

Oswaldo A. Bratke, um importante arquiteto do início da arquitetura moderna brasileira que também estudou na Escola de Engenharia do Mackenzie, anos antes de Gultzoff. Bratke iniciou seu curso de engenheiro-arquiteto em 1926 e, segundo Segawa (2012, p.16), o arquiteto também não era simpatizante dos métodos ortodoxos de Christiano Stockler das Neves, afirmando que os alunos, naquele momento, produziam “contra’ o professor” (SEGAWA, 2012, P.16).

Sabe-se que Germano Gultzoff, durante seu período como estudante de Arquitetura, estagiou com o arquiteto Oswaldo Bratke, mas não foi possível datar o período de forma precisa. Apesar disso, sabemos que outros colegas de Gultzoff também estagiaram no escritório de Bratke, como por exemplo, Arnaldo Furquim Paoliello e o próprio Rodolpho Ortemblad Filho, que brevemente fala sobre o período.

[...] estávamos no terceiro ano e Christiano parou de dar aulas, deixando a cadeira de projeto com Fernando. Nessa época começávamos a estagiar e existiam poucos escritórios de arquitetura em São Paulo, como os de Rino Levi e

Eduardo Kneese de Mello. Mas o melhor para aprender a desenhar era o de Oswaldo Bratke.”. (SERAPIÃO,2008)

Na mesma entrevista, Ortemblad Filho afirma ter estagiado com Bratke no período de 1947 e 1948 em um galpão nos fundos da casa de Bratke na rua Avanhanda, porém em conversas, via e-mail, com Guilherme Mazza Dourado⁹, co-autor do livro sobre Oswaldo Arthur Bratke¹⁰, ele relatou que

Oswaldo Bratke desmontou seu escritório na década de 1960 e, nessa ocasião, se desfez de grande parte dos documentos profissionais, como registros de funcionários, contratos com clientes etc. Ele preservou apenas os projetos e as fotos de obras que considerava importantes, material este que posteriormente deu origem ao livro que você conhece e que hoje pertence ao acervo da FAU/USP. (DOURADO, 2013)

Assim sendo, por não podermos precisar o período de estágio, as atividades desenvolvidas e os projetos que ajudou a desenvolver, bem como outros aspectos importantes, não podemos tecer análises profundas sobre as influências de Bratke na produção de Gultzgoff. Ainda mais pelo fato de não dispormos de nenhum texto, escrito por Gultzgoff, assumindo uma ou outra postura baseada em preceitos advindos de Bratke. Em entrevista realizada em 2012, o filho de Gultzgoff relata a admiração que o arquiteto nutria por Bratke e afirma que Gultzgoff tentou a sua maneira, reproduzir na sala de seu apartamento a ambiência da sala da casa de Bratke como forma de homenagear o mestre.

Após a conclusão do curso de arquitetura não se sabe o quê Gultzgoff fez, em São Paulo, no curto período até o momento em que migra para Uberaba, cidade onde permanece até seu falecimento em 31 de maio de 2007.

Gultzgoff, após sua formatura¹¹, viaja a Uberaba, cidade localizada no Triângulo Mineiro, para “concluir e decorar a residência de Mário Moraes de Castro”, pai de um

⁹ DOURADO, Guilherme Mazza. *Publicação eletrônica*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida de <mazzadourado@uol.com.br> por <Imardegan@hotmail.com> em 20 abr. 2013.

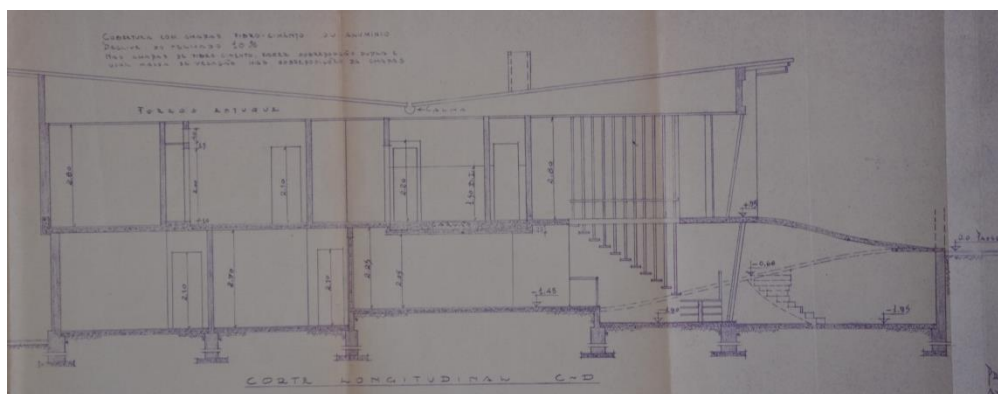
DOURADO, Guilherme Mazza. *Publicação eletrônica*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida de <mazzadourado@uol.com.br> por <Imardegan@hotmail.com> em 21 abr. 2013.

¹⁰ SEGAWA, Hugo. *Oswaldo Arthur Bratke: A arte de bem projetar e construir*. São Paulo: PW Editores, 2012. 2ª ed. 408p.

¹¹ Segundo entrevista concedida ao jornal “Cidade Livre”, em janeiro de 2004.

antigo amigo dos tempos de Ouro Preto. A residência, provavelmente reformada por Gultzgoﬀ no início de 1952, hoje se encontra descaracterizada e seu projeto não se encontra nos arquivos da prefeitura.

Seu segundo projeto, em Uberaba, também data de 1952 e se destinava à residência de um engenheiro e construtor local, Tomás Bawden, localizado na Rua Cunha Campos, hoje tampado por muro frontal que impossibilita sua visualização.



Corte longitudinal, residência de Thomaz Bawden, localizada na Rua Cunha Campos, Uberaba, 1952.

Fonte: acervo da autora, set. 2013.

Nesse projeto, Germano opta por elevar o térreo alguns centímetros do nível da rua e cria uma rampa para o subsolo onde se localizava a garagem e uma sala de bilhar. Também adere ao telhado em laje impermeabilizada do tipo asa de borboleta. Soluções inusitadas para a época, na cidade.

Até 1954, Gultzgoﬀ se divide entre Uberaba e São Paulo, sendo que nesse ano casa-se e muda-se definitivamente, com a esposa, para Uberaba. Com a mudança do casal para Uberaba, Germano passa a assumir um importante papel na disseminação da arquitetura moderna na cidade. Várias pessoas, inclusive, o consideram como o responsável pela mudança radical da arquitetura de Uberaba. Porém, o primeiro edifício moderno da cidade não foi projeto de Gultzgoﬀ. Uberaba, ao que tudo indica, teve como marco de sua arquitetura Moderna o edifício sede dos Correios, que em 1944 tem lançada sua pedra fundamental, porém, somente foi inaugurado em 1955.



Foto do edifício dos correios - 1950.

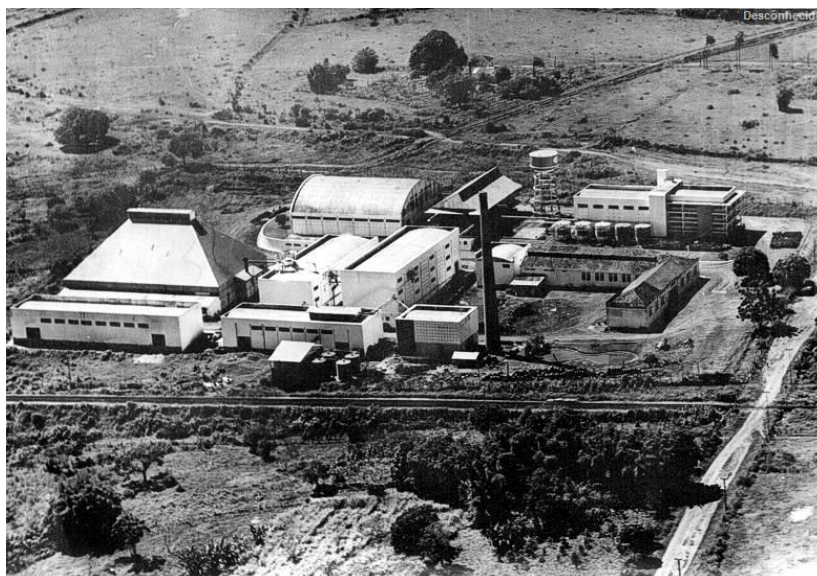
Fonte: acervo da Superintendência de Arquivo Público de Uberaba

Já com alguns projetos na cidade, Gultzgoff trabalha por dois anos no projeto de uma fábrica destinada à produção de óleo de algodão, a fábrica dos “Produtos Ceres”, cuja inauguração contou com a presença do então presidente Juscelino Kubitschek.



Foto do evento de inauguração da fábrica, com a presença de Juscelino Kubitschek.

Fonte: http://www.uberaba.com.br/cgi-bin/porta1.cgi?flagweb=pgn_hf_fotolocal&codigo=523, acessado em 03/10/2012.



Vista aérea da Indústria Produtos Ceres S.A.

Fonte: [http://www.uberaba.com.br/cgi-](http://www.uberaba.com.br/cgi-bin/portal.cgi?flagweb=pgn_hf_fotolocal&codigo=523)

[bin/portal.cgi?flagweb=pgn_hf_fotolocal&codigo=523](http://www.uberaba.com.br/cgi-bin/portal.cgi?flagweb=pgn_hf_fotolocal&codigo=523), acessado em 03/10/2012.

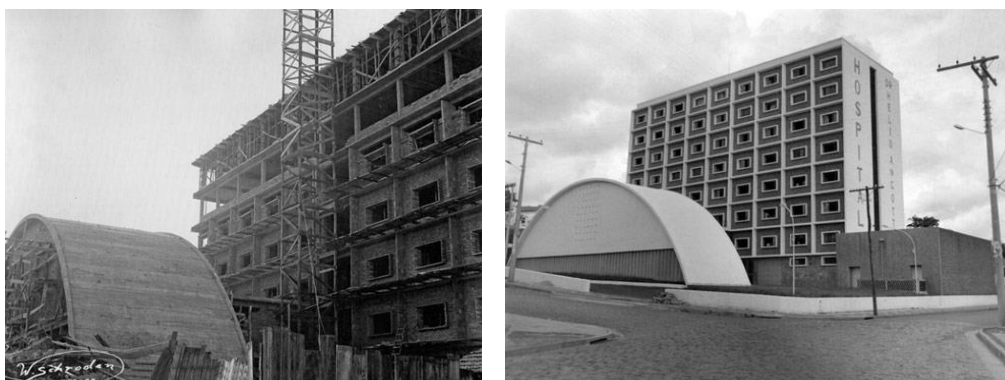
Após os já citados, outros trabalhadores surgiram, fazendo com que Gultzgoff se firmasse em Uberaba. Ele próprio afirma que “depois disso, todos me chamavam para projetar suas edificações.” (SILVEIRA, 2004).

Percebemos que a inserção de Gultzgoff no mercado profissional local deu-se através de uma boa rede de relacionamentos que ele próprio começara a tecer. Seus três principais clientes iniciais tinham em comum certo empreendedorismo, além de bons relacionamentos, que podem ter colaborado para alavancar sua carreira em meio a um mercado tão ligado às “falsas tradições” e comandado, como ele próprio certa vez coloca, por mestres de obra estrangeiros.

Esse e outros relacionamentos com outras figuras importantes no cenário local vão, posteriormente, possibilitá-lo realizar os mais diversos projetos. Entre essas pessoas está o médico Hélio Angotti, para qual, entre outros trabalhos, faz o projeto para a residência do médico (1953) e o Hospital Hélio Angotti - Associação de Combate ao Câncer do Brasil Central, inaugurado em 1958¹². Com o ano de início do projeto desconhecido, mas próximo à construção de Brasília, percebemos a ousadia de Gultzgoff na proposta desse edifício para Uberaba. Com a articulação em diferentes

¹² Sem a data correta do projeto já que o mesmo não se encontra nos arquivos da Prefeitura Municipal, optamos por citar apenas a data de inauguração do edifício, fornecida pela Reportagem do Jornal de Uberaba, na coluna Cultura escrita em 07/04/2008 e acessada em 04/03/2013. Esse trabalho conta apenas com o projeto de “Acréscimo” do referido hospital que data de 1973, sendo aqui apresentado com o número de catalogação C-3-11. Em alguns jornais da época menciona-se o apoio de Mário Palmério para a construção do Hospital.

blocos de volumetrias independentes, o Hospital também se destacava de sua vizinhança pela grandiosidade de seu gabarito, pelo uso de uma nova estética e novos materiais.



À esquerda foto da construção do Hospital Hélio Angotti e à direita foto do hospital já construído, inaugurado em 04 de maio de 1958.

Fonte: <http://www.helioangotti.com.br/historia.asp>, acessado em 04/08/2014.

Durante a construção da Indústria Produtos Ceres S.A., o arquiteto, em busca de um tipo específico de tijolo para a construção das chaminés, conhece Gilberto Salomão, dono de uma olaria. A partir de então, o vínculo entre ambos se estreitou a cada nova obra de Germano. Em quase todos seus projetos, feitos para Uberaba, Germano utilizou produtos da cerâmica da família Salomão – Cerâmica São Pedro. Além de tijolos e telhas, Gultzgoff também desenvolveu materiais próprios para suas obras, não disponíveis no mercado da região, e que foram executados pela empresa de seu amigo. Entre esses materiais destacamos os característicos cobogós e outros revestimentos cerâmicos, que posteriormente foram vendidos até mesmo para a construção de alguns edifícios em Brasília, no ato da construção da capital, segundo informações colhidas nas entrevistas com os irmãos Urbano e Gilberto Salomão, a primeira em meados de 2013 e a segunda já em 2014.

A amizade entre os dois filhos de Pedro Salomão e Germano Gultzgoff possibilitou a realização de vários projetos ao longo de toda sua carreira. Com a construtora de Urbano Salomão, Gultzgoff realiza o projeto dos principais edifícios altos encontrados no centro da cidade. Além disso, Gilberto Salomão, dado seus bons relacionamentos na capital, também leva Germano a realizar projetos em Brasília, como por exemplo, a reforma da residência de Emilio Médici, além de outros edifícios em diversas localidades do país. A atuação em Brasília e outras cidades brasileiras, apesar de importantes para a completude da compreensão da produção do arquiteto, não pôde ser abraçada neste breve relato sobre a trajetória do arquiteto.

Também com importante relevância na atuação de Gultzgoff aparece a figura de Mário Palmério. Segundo entrevista de Gultzgoff ao Jornal Cidade Livre em 28 de janeiro de 2004, o arquiteto relata ter sido apresentado a Mário Palmério em 1956 pelo amigo Hélio Angotti. Mário, além de ter contribuído enormemente para a educação em Uberaba, através primeiramente do Liceu do Triângulo Mineiro, além da fundação, em 1950 da Faculdade de Direito e em 1953 da Faculdade de Medicina.

Obviamente não somente essas pessoas foram importantes na afirmação da carreira de Germano Gultzgoff, mas por hora os entendemos como seus principais colaboradores. Ao que tudo indica, Gultzgoff, em seu escritório¹³, trabalhava tanto como autônomo quanto como arquiteto projetista de construtoras conhecidas, como é o caso das construtoras dos irmãos Salomão (uma em Uberaba e outra em Brasília). Dessa forma, percebemos que havia uma semelhança, guardadas as devidas proporções, com o que Ficher (2005) menciona sobre o mercado profissional de São Paulo. No ramo da construção civil em São Paulo, já desde a década de 40

as firmas maiores contavam com vários profissionais cujo trabalho tendia a ser organizado segundo alguma divisão interna de tarefas, de modo que uns se encarregavam dos projetos arquitetônicos e/ou técnicos e outros das obras. Não existiam firmas que se dedicavam apenas a feitura de projetos, já que seu custo estava incluído no preço total da obra. Mas havia também projetistas *free-lance* no mercado, em geral contratados por firmas maiores para fazer desenhos ou projetos específicos [...]. (FICHER, 2005. p.240)

Sobre a situação da profissão de arquiteto no Brasil observamos que já por volta de 1910, Christiano Stockler das Neves, em São Paulo, se mostrava indignado pela não separação clara das atribuições do arquiteto, do engenheiro e do construtor e, para defender seus ideais, escrevia diversos textos tornando-se o primeiro diretor de um curso de arquitetura, brasileiro, a separá-lo de uma Escola de Engenharia. Assim, o quadro profissional encontrado por Stockler das Neves quando retorna ao Brasil, após seu curso no exterior, em muito pouco diferia do quadro que Gultzgoff vivencia ao chegar à Uberaba.

¹³ Gultzgoff teve prioritariamente um escritório, localizado na Rua Major Eustáquio, em uma galeria de propriedade de Urbano Salomão. Porém, segundo seu filho, outros escritórios, às vezes compostos apenas por uma prancheta, eram montados e desmontados conforme a necessidade, nas cidades onde fazia projetos por intermédio de Gilberto Salomão.

De todos os depoimentos colhidos nas entrevistas realizadas, percebemos que é quase unânime a constatação de que Germano Gultzgoff pouco lucrou financeiramente com seu ofício, tanto por seu conhecido desprendimento com seus honorários profissionais quanto pela desvalorizada visão que a sociedade uberabense tinha da profissão naquele momento.

Da acanhada quantidade de exemplares restantes de seu acervo e que nos foram doados pelo filho de Germano, encontramos poucos livros sobre arquitetura e uma dezena de livros sobre arte. O fato de sabermos que os livros, que ainda existem disponíveis para pesquisa e análise, não são a totalidade de livros que o arquiteto adquiriu ao longo de sua vida, faz com que as relações que poderíamos estabelecer entre teoria e produção arquitetônica se tornem pouco profundas. Ainda assim, alguns livros confirmam certos temas recorrentes em sua arquitetura como, por exemplo, a arquitetura colonial brasileira e a arquitetura norte-americana de meados do século XX. Apesar de acreditarmos que Gultzgoff era assinante de alguma revista especializada, não temos confirmação disso. Podemos somente supor que o fato de encontrarmos um exemplar da revista “O Cruzeiro” seja um indício do consumo de algumas publicações de difusão da arquitetura moderna, comuns na época.

Ao verificarmos a difusão de elementos da arquitetura moderna pelo interior do país e até em edifícios que não eram projetados por arquitetos, confirmamos o fato de que

a mídia impressa difunde maciçamente a arquitetura moderna brasileira como ‘paradigma de estilo’. Revistas como O Cruzeiro e Manchete publicam seguidamente artigos sobre a arquitetura dita erudita, revestidos de certo tom ufanista, nacionalista e desenvolvimentista. O Brasil é, parafraseando a revista Manchete em 1959, o país da música, do futebol e da arquitetura. (LARA, 2002, p. 4)

Aos 68 anos, associa a profissão do arquiteto e do engenheiro à música. Segundo ele

[...] arquitetura e engenharia são duas coisas completamente diferentes. A diferença entre elas é a mesma diferença que há na música. O arquiteto é compositor da música. O engenheiro é o executor da música. O executor tem de ser bom. Imaginem uma grande sinfonia executada por um menino inexperiente, ainda não amadurecido! (BRAGANÇA, 1994)

Também é perceptível em conversas com antigos moradores de Uberaba, que Germano Gultzgoff era visto como uma pessoa insatisfeita com a sociedade da época, tanto no que se refere a questões culturais e por consequência de “gosto” e, principalmente, quanto a relacionadas à arquitetura. Com exceção de seus amigos, o seu relacionamento com os clientes e seus pares, principalmente com decoradores da época, nunca foi tida como boa. Por várias vezes se negava a fazer determinados projetos por discordar de alguma exigência. Também não aceitava com facilidade alterações sugeridas por seus clientes. Ao que tudo indica, essa rebeldia se mostrou ainda mais exacerbada ao final de sua carreira.

Em entrevista ao Jornal Cidade Livre, em 28 de janeiro de 2004, já com 81 anos de idade, Gultzgoff retrata sua insatisfação afirmando:

[...] nossa arquitetura é pobre. Nossos casarões são cópias baratas de arquitetura francesa do século 19, e seus construtores eram apenas mestres de obras portugueses e italianos, que aqui se instalavam, se dizendo arquitetos. (SILVEIRA, 2004)

Durante vários anos, Germano não enfrentava grandes problemas com arquitetos concorrentes, ainda mais pelo fato de trabalhar juntamente com algumas das grandes construtoras da cidade. Durante o período de atuação de Gultzgoff em Uberaba, o mercado imobiliário era liderado pelas construtoras Itaoca e Etel, que posteriormente iria se derivar na também concorrente RCG. Apesar de encontrarmos edifícios projetados por outros profissionais da época, principalmente engenheiros, Germano sempre manteve certo destaque, tendo edificado inúmeras obras nas principais avenidas da cidade.

Entre os profissionais do período podemos citar os Engenheiros Tomáz Bawden e Vicente Marino. Verificamos que também é marcante a presença de profissionais de fora da cidade em projetos de grande porte, que contribuíram, definitivamente, para a afirmação do Movimento Moderno em Uberaba, como Olavo Reidig de Campos (Edifício Everest – projeto de 1952), Oswaldo Bratke (Estação Mogiana - 1961), Jarbas Karman (Hospital e Maternidade São Domingos – 1961), Roger Zmekhol (Casas para a Cia. Comercial de Vidros do Brasil – 1965), entre outros. (MARDEGAN; OLIVEIRA, 2002).

Neste mesmo trabalho, também se destacava a figura do engenheiro civil Wilson Nassif, no mesmo período de atuação de Gultzgoff. Nassif era paulista de Igarapava e estudou no Rio de Janeiro, na Universidade do Brasil (1952), especializando-se em arquitetura em 1953. Muda-se para Uberaba a pedido do então prefeito João Guido, atuando na Secretaria de Viação de Obras, chegando também a lecionar na mesma faculdade de Gultzgoff. Apesar de ter projetado vários edifícios, sua atuação principal se dá no campo da engenharia, realizando diversos cálculos estruturais.

Em 1982, outro importante arquiteto, advindo de Belo Horizonte e tendo se formado na Universidade Federal de Minas Gerais, muda-se para Uberaba: Wagner Schrodén. Descendente de alemães, Wagner realiza relevantes projetos na cidade, em um momento em que a arquitetura moderna brasileira repensava seus caminhos. Com um rigor estrutural e uma simpatia pelo brutalismo, deixa poucos exemplares de sua arquitetura na cidade, tendo falecido precocemente aos 49 anos.

Em Uberaba Gultzgoff projetou os mais variados tipos de edifícios, que vão de residências térreas, passando por galerias, centros comerciais, hospitais, universidades, casas de fazenda, centrais de genética zebuína, lojas maçônicas, boate, entre tantos outros. Em certo momento reclama: “Fiz quase tudo. Só não me deram chance de fazer igreja.” (BRAGANÇA, 1994)



Fachada da Residência Francisca de Andrade Costa Carvalho, 1961. Detalhe em clapboard de madeira no eítão da casa, tijolinho a vista e beirais em laje de concreto.

Fonte: acervo da autora, ago./2012.

Durante os anos de produção (de 1951 a 2007) Gultzgoff teve 209 projetos aprovados pelos órgãos municipais, mas obviamente sabemos que este montante não representa a totalidade de seus projetos. Dos edifícios aprovados 22 são da década de 50; 41

projetos são da década de 60; 83, da década de 70; 51, da década de 80 e 12, da década de 90, década em que o arquiteto paralisa suas atividades profissionais. Uma análise quantitativa mostra uma crescente produção do início até a década de 70, quando atinge o auge de sua produção na cidade. Dali em diante, a quantidade de projetos segue em queda até o momento em que o arquiteto se aposenta.

Em nossas análises percebemos um abandono paulatino dos ideais modernos vivenciados em sua formação já em meados da década de 1960 e uma adoção de uma miscelânea de estilos e elementos que nos remetia a uma série de influências sofridas, pelo arquiteto ao longo de sua atuação profissional. Também entendemos que o local de atuação contribuiu para esse abandono e que vários arquitetos do mesmo período, e ainda hoje, tem em algum momento de suas carreiras, de se adaptar à pressões exercidas pelo mercado. Porém, entendendo que parte de sua formação, baseada como já dissemos nos princípios *Beaux Arts*, aceitava e difundia a visão de uma arquitetura acadêmica. Acreditamos que Gultzgoff tenha se voltado para o que seria o caminho, senão mais fácil, o mais agradável.



Fachada da Residência Aristides P. Riccioppo, 1966 (hoje Hospital Santa Lúcia).

Fonte: acervo da autora, ago./2012.

Sabendo de sua adoração por estilos antigos¹⁴, sem um em especial, Germano não deve ter tido dificuldades ou ressentimentos em trocar elementos arquitetônicos modernos por outros ecléticos. Notamos que a substituição no uso de elementos arquitetônicos típicos do vocabulário da arquitetura moderna, bastante presentes em seus projetos na década de 50, por elementos advindos de “arquiteturas de estilo”, começa a se evidenciar já a partir da década de

¹⁴ O gosto por estilos diversos pode ser evidenciado através das entrevistas coletadas, pela análise atenta dos títulos dos livros encontrados em seu acervo, pelas pinturas feitas pelo arquiteto e ainda por algumas fotos de edifícios de outras localidades.

60, e ao contrário do que pensávamos, no início de nosso trabalho, a adoção desses elementos só vieram a confirmar seus gostos e preferências, o que mais tarde, na década de 70, se caracterizava como sendo sua autêntica arquitetura.



Fachada da Residência Marco Túlio Fontoura, 1971. Sacadas com guarda corpo de ferro, base do edifício revestido com pedra tapiocanga e aberturas com arco abaulado¹⁵ marcado por moldura (arquivolta).

Fonte: acervo da autora, ago./2012.

Em Gultzgoff percebemos, como essência de seu fazer arquitetônico, a resolução do programa de necessidades mediante a elaboração, primeiramente, da planta. A forma arquitetônica derivava, em grande parte, da resolução dos problemas reais, estabelecidos pelo programa do edifício a ser construído. O uso de alguns materiais e elementos específicos deu ao profissional certa notoriedade na cidade.

Aqui, o crédito que damos a Gultzgoff, vai além de mero difusor da arquitetura moderna no interior do país. Entendemos que a trajetória de Gultzgoff por se assemelhar a de vários profissionais nos ajuda a traçar panoramas profissionais que podem contribuir nas diferentes áreas da arquitetura.

BIBLIOGRAFIA

¹⁵ Conforme nomenclatura consultada em CHING, Francis D. K. **Dicionário Visual de Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 23-25.

BILHARINHO, Guido. Edgard Rodrigues da Cunha. *Jornal da Manhã*, Uberaba, p. 05, 01 mai. 2011. Especial.

BRAGANÇA, Décio. O pensamento vivo de Germano Gultzgoff. *Jornal da Manhã*, Uberaba, p.05, 30 out. 1994. Encontros.

FICHER, Sylvia. *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: Fapesp: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. 400p.

GUERRA, Abílio. *A moderna morada paulista*. Resenhas online, Vitruvius, 001.16, ano 01, jan.2002. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/01.001/3263>>. Acessado em: 18 ago. 2012.

IRIGOYEN DE TOUCEDA, Adriana Marta. *Da Califórnia a São Paulo: referências norte americanas na casa moderna paulista 1945 – 1960*. 2005. 383p. Tese (Doutorado – área de concentração: Estruturas Ambientais Urbanas). FAU, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

LARA, F. L. C. . *Modernismo de fachada?* Considerações sobre a apropriação popular da estética modernista. In: VII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 2002, Salvador. Caderno de Resumos do VII SHCU. Salvador: PPGAU / FAUUFBA, 2002. v. 1. p. 52-53.

MARDEGAN, Ana Lúcia Bertini; OLIVEIRA, Juliano Carlos Cecílio Batista. *Arquitetura Moderna em Uberaba*. In: III Simpósio de Iniciação Científica, 2002, Uberaba. *Anais do III Simpósio de Iniciação Científica da Universidade de Uberaba*. Uberaba: Universidade de Uberaba, 2002.

SEGAWA, Hugo. *Oswaldo Arthur Bratke: A arte de bem projetar e construir*. São Paulo: PW Editores, 2012. 2ª ed. 408 p.

SERAPIÃO, Fernando. Rodolpho Ortemblad Filho: graduado na primeira turma de arquitetos do Mackenzie, pertence à geração pioneira de arquitetos modernos. *PROJETODESIGN*, São Paulo, edição 344, out. 2008. Disponível em: <http://www.arcoweb.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id3661:r...> . Acessado em: 21/04/2013.

SILVEIRA, Cacá. O homem que ajudou a modificar uma cidade. *Jornal Cidade Livre*, Uberaba, coluna Cidadãos, p.A5, 28 jan. 2004.

STOCKLER, Maria Teresa de; SZOLNOKY, Breia. As Raízes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie. *Faculdade de Arquitetura e Urbanismo 1947 – 1997 – Universidade Mackenzie*. São Paulo: Universidade Mackenzie, 1997.p.10-18.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, 2014. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/PUBLIC/UP_MACKENZIE/servicos_educacionais/graduacao/Arquitetura_Urban_SP/FAU_HISTORIA__2014.pdf>. Acessado em: 15 ago.2014.

Referências dos e-mails

DOURADO, Guilherme Mazza. *Publicação eletrônica*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida de <mazzadourado@uol.com.br> por <Imardegan@hotmail.com> em 20 abr. 2013.

DOURADO, Guilherme Mazza. *Publicação eletrônica*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida de <mazzadourado@uol.com.br> por <Imardegan@hotmail.com> em 21 abr. 2013.

Universidade Presbiteriana Mackenzie. Secretaria Geral. *Publicação eletrônica*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida de <dra.atestado@mackenzie.com.br> por <Imardegan@hotmail.com> em 17 mai. 2013.